

47

the chemical brothers
EXIT PLANET DUST

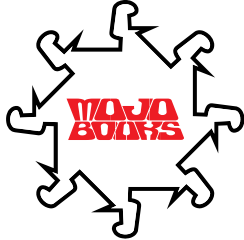
recontado por
SIMONE CAMPOS



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

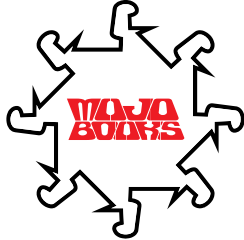
Danilo Corci
organizador



VOLUME 47

EXIT PLANET DUST
chemical brothers

recontado por **SIMONE CAMPOS**



VOLUME 47

EXIT PLANET DUST
chemical brothers

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Novembro de 2007

ELIDU OU COMO SE FOSSE 1995

E tendo ajustado cuidadosamente o cinto de espinhos como um anel de saturno sobre a minissaia, Silvânia deslizou a cadeira de rodas da vovó pela porta até o elevador.

Vovó estava quase desmontada, a tal ponto que era difícil visualizar como seria caso pudesse ficar em pé. Pois é: não podia. Mas ainda gostava de passear.

Numa tarde típica de verão, um ônibus que atravessasse o Largo do Machado cruzaria, em média, com três netas/empregadas empurrando inválidos. Silvânia era neta, mas parecia empregada. A vó era magra e pálida; a neta tinha saído bronzeada, fruto de sucessivos acasalamentos à beira-mar.

A banca de jornal estava tocando pagode-de-corno.

— Bom dia, meu anjo.

E a coxa morena de Silvânia se alongava vez a vez. A nádega direita trocava de lugar com a esquerda bem devagarinho para vovó poder ver a vista e sorrir para cada vizinho. Sorriu para o jornalista de volta, como se “meu anjo” fosse com ela.

— Vó, você quer entrar na lojamericana?



— Hein?

(gritar com ternura para velhos ensurdecidos é uma arte)

— Não quer entrar...

* * *

Depois do curso, Silvânia anda até o ponto. Ganhou bolsa pra nova unidade Confins do Universo. O ônibus demora e, quando chega, ela remancha de propósito para dar tempo de um senhor alcançar a porta e entrar pela frente. Júnior está lá, alojado no fundão: Silvânia sabe que vai ter problema. Um ponto antes de descer, Júnior se aproxima do seu banco com hálito de bala garoto:

— E aí, Silvânia? Beleza? Vai no baile sexta?

— Que te importa?

— Sabe o que que eu acho?

— Não nem me interessa.

— Você não olha pra mim é porque sou preto.

— Tá maluco? — Silvânia franze a testa e decide concluir o pensamento. — Não olho pra você porque você é pobre!

— Quer dizer que se eu fosse rico cê casava comigo?

— Eu não. Cê é chato.



— Aí, viu? Racista, preconceituosa.

— Ih, quer saber? Vai tomar no seu cu.

E olha pra fora. Quando espia de novo, Júnior não está mais lá. Volta a olhar para fora.

Quando se vê deslizando na direção do novo subemprego é que descobre que o olhar que lançava para a cidade era de despedida. Já não queria ficar ali distribuindo panfletos imobiliários em sinal. Estava de saída.

Toma a atitude de continuar sentada em seu lugar. O ônibus era circular.

* * *

Os braços em cruz ainda esteavam os livros contra o colo, sem achatar os seus bebezinhos, quando Silvânia entrou na copa. Aquela que servia mais uma fatia de bolo à comadre não parou o que fazia pra anunciar:

— O Gerson vem morar aqui. Com a gente.

A notícia até fez Silvânia arrotar o lanche do McDonald's — onde tinha prometido não comer mais, droga!

— Eu vou iimbora! — e as coisas foram sendo socadas na sacola.



A mãe teria ficado pior se soubesse que aquele i longo significava “pra bem longe”. Mas, não, ela pensou que era para a casa da Frida de novo. Não fez tanto caso.

Silvânia foi, sim, atrás da Frida, mas para avisar do tamanho da mudança. Não estava em casa. O contato foi via orelhão.

— Uma sacola dupla da lojamericana, daquelas gigantes.

— Sacola dupla?

— Sim, uma dentro da outra. Eu botei as coisas lá e saí pela porta.

— Ai, Sil, cê vai fazer isso de novo?

— Não agüento mais, Dinha. Dessa vez é pra valer.

— Pra valer como?

* * *

Silvânia entra no escritório da agência e dirige-se à recepcionista:

— Eu queria trabalhar fora.

A recepcionista, falando inglês com o bocal imprensado entre o pescoço torto e o ombro, larga a lixa de unhas e macaqueia um sinal que quer dizer para Silvânia sentar. Silvânia senta.

A recepcionista termina a ligação, encara Silvânia (sozinha



na sala de espera àquela hora) e, mexendo a boca em formato silábico, aponta-lhe o indicador e depois o torce em direção ao telefone, arregalando os olhos. Ela estica-se para sugar um gole d'água de um copo da quina oposta da escrivaninha; então pega o fone e completa uma ligação interna.

— Pode entrar.

Uma senhora de tailleur rosa a esperava com as mãos trancadas sobre a mesa e uma expressão pacífica. Quando Silvânia pôs a mão sobre a pesada cadeira e já se sentava ágil, ela levanta de repente, instada por toda aquela velocidade, e estende-lhe a mão, que Silvânia aperta ainda com a bunda pairando sobre a cadeira.

— Elisa Duarte.

— Silvânia.

Findo o malabarismo, começa um interrogatório.

— Você tem experiência com criança?

— Cuidei dos meus irmãos que minha mãe tinha que trabalhar fora.

— Certo.

— Eu cuido da minha avó também, ela está de cadeira de rodas.

— E o seu inglês?



— *More or less...*

— Você dirige?

— Tenho carteira, mas nunca peguei em carro.

— Tudo bem.

A senhora toma suas notas e levanta o olhar penetrante.

— Qual sua disponibilidade?

Silvânia luta um pouco com a resposta, decide que aquilo não importava nem para ela e acaba falando como se não fosse nada:

— Não tô trabalhando.

A senhora pisca devagar.

— Estou dizendo isso porque talvez tenhamos uma vaga imediata, que a outra menina já passou um ano e vai voltar. Estou vendo que você é uma menina despachada. Não precisa dirigir. O inglês você melhora lá. Você estaria disposta a viajar a curto prazo?

Silvânia balança a cabeça.

— Claro.

* * *



— Você precisa de roupa de frio.
— Qualquer coisa eu compro lá.
— E... que você vai fazer lá?
— Chama *au pair*. É tipo ser babá com empregada.
— Será que dá pra mim também?
— Tem que pagar para a agência, né... É caro. Tive que rapar o fundo que o papai deixou.

— ...

— Dinha, você ganha dinheiro depois gasta tudo! Assim você nunca vai sair desse buraco.

(O buraco de Frida era uma dívida permanente que começara por ter se metido com uma multinacional que procurava jovens empreendedores para vender seus produtos 100% naturais.)

— Ai, pára, Sil! Cala essa boca. Praga volta.

— Cara, não sei. De repente, passa lá, né? Não sei.

Silvânia continuou preenchendo o silêncio com incentivos inseguros até quando pôde. Por fim, Frida a interrompeu com outro tom, mais baixo — e que bom, pois já estava cansada.

— Sil. Sil. Eu sei: eu não tenho condição. Mas você tem. Vai pra lá, vai lá, ganha dinheiro, que eu vou atrás. Vou fazer força pra aprender inglês. Olha, o irmão do Thiago tem aquela revista que vem com fita, pra aprender...



- Ah, eu sei qual...
- ...ele nunca nem abriu, mas vai me emprestar que eu sei.
- Legal.

* * *

Acertou um quarto de pensão por três dias. Sabia que se ficasse na casa de Frida como sempre, a mãe dela avisaria a sua, como sempre, e dessa vez não desejava a tradicional lavação de roupa suja em público. Ainda bem que Fridinha sabia guardar segredo.

Passou na agência, pagou taxas, assinou um contrato. As passagens seriam parceladas. O prazo passou rápido. Teve que organizar mil coisas, inclusive comprar uma mala — sua mãe tinha dado as antigas “porque me lembram seu pai”. Depois de ter comprado os cheques de viagem, o dinheiro só deu para uma e teve que fazer uma dolorosa seleção de roupas. As que ficassem seriam de Frida. Atochou-as no saco duplo da lojamericana. Sobrou bastante espaço.

* * *

Nessa noite, com aquela disposição de despedida, até o lugar

de sempre era palatável.

O corpo de Sil não descia até o chão como mandava a música. A dona dele tinha decidido poupar as costas para o dia seguinte, poltrona de avião. Ondeava o corpo de um jeito que sabia desde a puberdade e sempre impressionava as amigas.

— Cê tomou a droga errada... tá dançando igual lacraia.

Silvânia virou-se para ver quem falava.

— É verdade que você vai embora? — pergunta ele em seguida.

Frida, sua filha da puta.

* * *

Muita coisa passou pela cabeça de Silvânia naquela noite, enquanto dançava a uma distância cautelosa de Júnior — que lhe trazia cervejas, sorrindo sempre.

“O burro vem atrás de mim. Podia aproveitar que sumi pra se curar, mas não! Vem junto! Vem atrás. Me perturbar. Cola na minha traseira. Ah, se eu tivesse sido mais clara com ele de vez... não teria adiantado nada. Ele espera me apanhar bêbada o suficiente alguma vez. Hoje.”

“Eu devia dar logo pra ele. Mas aí é que vai ser pior. Ele vai



querer tirar leite de pedra, de uma foda de pena! Ele não vai me deixar ir embora! Deus do céu, tô encurralada!”

“Eu poderia dar mal pra ele... Mas existe dar mal? Será que ele vai notar a diferença? Se eu ficar parada e não gemer e pedir pelo tubo de KY na minha bolsa? Hum?”

“Foda-se, vou embora amanhã, mesmo.”

* * *

Muita expectativa acumulada fez a transa ruim ser uma experiência transcendental para Júnior. Ele lhe ofereceu toda a hospitalidade que podia: guaraná de garrafão e metade do conteúdo de um prato âmbar que sua mãe tinha deixado para ele, com salsichas, arroz, purê e nuguetes (Júnior dizia nuguetes) de frango. Silvânia misturou bem a sua porção, salgou e comeu tudo, arrotando educadamente para dentro. Levou o prato para a cozinha, onde o cheiro de salsicha era mais forte. Tão forte que fez Silvânia desistir de lavar a louça.

* * *

A sogra desabara no sofá, e trincava os dentes roncando em



volume máximo; Júnior tinha partido, trabalhava no *shopping*, sábado também. Silvânia teve tempo de passar pela pensão e mudar de idéia. Mas não mudou.

* * *

No meio da noite, Silvânia tirou da bolsa Laurent e Lenora; suas duas crianças. Laurent era o menorzinho, loiro como o dia; parecia uma menina. Lenora tinha cabelos e olhos tão pretos que nem parecia irmã de Laurent — talvez fosse meia-irmã. Olhavam para a câmera com olhos úmidos e parados, sem rir, as mãozinhas se encontrando sobre um fundo escuro onde se via um pedaço de árvore de Natal.

Do seu lado estava uma moça com mecha loura no fio da franja, que espiou a foto de rabo de olho; dois minutos depois, tirava a sua da pochete e a olhava também na concha da mão. O menino dela tinha as sobrancelhas juntas, mas os olhos claros. Sem trocar palavra nem olhar, Silvânia soube que estavam competindo. Era como naquele carteadado que Zé Coelho lhe ensinou, em que quem perdia ia tirando a roupa.

* * *



Silvânia acordou com a primeira luz da manhã. Dormira quatro horas. Tinha a impressão de ter descansado mais no aeroporto. Estavam quase chegando: a luzinha no mapa já passava de Portugal.

Avançou nas torradas secas que lhe ofereceram. Ainda não tinha conseguido engolir nada, de nervos.

* * *

Silvânia dormitava com a bolsa agarrada ao corpo. Eram cinco em ponto no saguão. Cinco da manhã. Estava na Espanha – num cercadinho dentro da Espanha —, esperando a conexão.

A cada din-don do sistema de avisos, erguia a cabeça e procurava o painel. Depois fechava os olhos de novo. Foi desistindo de prestar atenção nos avisos, começou a sonhar com um filme que não existia (buscavam algo muito importante, detetives, japonesas, apressados), e teve que correr até o portão de embarque.

* * *

Alisou o passaporte e entregou-o ao inspetor. Talvez porque

a foto não parecesse muito mais com ela, tirada em época de mesa farta e de pai que a levava à Disney, o inspetor lhe tenha feito muitas perguntas: quanto dinheiro trazia, quanto tempo pretendia passar ali. Pediu para ver sua carta de apresentação e o recibo do curso.

Depois de passar no banheiro e esvaziar a bexiga, andou até o saguão. Ela e outra moça andaram até a plaquinha escrita “Elidu Tours”. Silvânia gostou, tudo muito bem organizado. Pagou as 30 libras do transfer e entrou na van.

* * *

Na van, a outra garota começou a roncar, porém não muito alto. Silvânia foi capaz de fechar os olhos e dormir cinco minutos. Acordou com um raio de sol intruso.

— *...some nice tits for a Brazilian.*¹

— *You mean fake blonde?*

— *The dark.*

Silvânia sentiu os olhos do motorista fuzilarem seu decote. Não mexeu nem as pálpebras.

1—...Belos peitos pruma brasileira. / — A loura falsa? / — A morena.



— *Soddin' huge. Shame they're gonna sag in two months.*²

Silvânia não entendeu, mas detectou a sacanagem pelo amálgama das sílabas e pelo sobe-e-desce tonal.

— *She's gonna sell high.*³

— *Yeah, but I get to first-taste her ass.*

— *Hey, maybe... you think... any chance she's a virgin?*

Os dois riram a galope. Silvânia ficou arrepiada de um jeito terrível e voluptuoso. E pensou: “E eu, aqui, onde meus olhos negros são mais peculiares, sou mais prezada, mais valorizada.”

— *What you mean?* — disse o carona com um caricaturado deboche — *Why can't the lady be a virgin? Just 'coz she dresses like a cheap harlot...?*⁴

Escandalizada. Os mistérios do mundo ainda a mastigavam e engoliam, nada diferente de seus quatro anos. O sexo era tão desejado no mundo que movia montanhas e ela mesma. Até financiava passagens de avião. “O quê? Aquele brinquedo de preencher tardes suadas?” É. Diversão era coisa séria.

2 — Grandes pra cacete. Pena que vão ficar caídos em dois meses.

3 — Essa vai ter uma boa saída. / — É, mas eu quero comer a bunda dela primeiro. / — Ei, será que... você acha que tem chance dela ser virgem?

4 — Como assim? Por que a moça não pode ser virgem? Só porque se veste que nem uma puta?

De repente fazia o cálculo da distância que a separava de dona Margarida e de sua cadeira de rodas. Sentiu ódio ao perceber quem estaria preenchendo seu cargo. Seus irmãos imaginários bem viriam a calhar agora. Pois Gerson não tinha direito nem levava jeito para cuidar. E cuidar da vó! Não, Gerson nem perderia seu tempo empurrando sua sogra,

a não ser,
talvez,
de uma escada.

Ela tinha se metido nessa por ser “cabeça-dura” e “precipitada” — parecia que podia ouvir a mãe falando. Pra sanar aquilo, precisava se concentrar e tomar alguma providência. Mas tinha fome e tinha medo. Pressa também. E tinha ainda o cheiro familiar da cozinha de Júnior, igualzinho à baixa culinária inglesa, preenchendo a van e perturbando o raciocínio.

— *Do you have food?*⁵

Os rapazes no banco da frente quase deram um pulo.

— *Oh, you awake, miss?*

— *I'm angry. Very angry.*⁶ — disse, apertando a barriga e

5 — Vocês tem comida?

6 — Ah, você acordou, moça? / — Estou zangada. Muito zangada. [P.S.: Silvânia trocou “angry”



fazendo cara de sofrimento. Esse erro primário os tranqüilizou. Nem a corrigiram. Entreolharam-se. Farejaram. Estavam parados ao lado de uma *fish'n'chips*.

— *I could use a bite*⁷ — disse o motorista.

Pediram dinheiro a ela. Silvânia assinou o primeiro cheque de viagem. O carona desapareceu lanchonete adentro e o motorista estava preso pelo cinto. Foi fácil escapar. Abriu a porta e correu.

La fugindo e fungando. Não havia frio. O sol caía duro sobre a testa, e acertava bem na quina.

— “zangado” por “hungry” — “faminto”.]

7 — Por mim eu comia alguma coisa.

FIM



SOBRE A BANDA

Falar que os Chemical Brothers revolucionaram a música eletrônica é praticamente chover no molhado. Formado na Inglaterra por Tom Rowlands e Ed Simons, originalmente se intitularam The Dust Brothers, referência a uma dupla de produtores musicais que usavam o mesmo nome, mas devido à sua popularidade e possibilidade de retratações legais acabaram mudando seu nome em 1995. A pródiga carreira da dupla de DJs iniciou-se com o lançamento de *Exit planet dust*, que ganhou o mundo com suas batidas diferenciadas, vendendo mais de um milhão de cópias em todo o globo. A partir desse disco, o termo *big beat* foi criado para enquadrar a música dos Chemical Brothers e de seus contemporâneos como The Prodigy, Fatboy Slim e The Crystal Method.

CRÉDITOS ORIGINAIS

EXIT PLANET DUST - CHEMICAL BROTHERS

Design e Fotografia por Negativespace

Lançado em 26 de Junho de 1995

Selo: Virgin Records

Produzido por Cheeky Paul, Tom Rowlands e Ed Simons

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.thechemicalbrothers.com

SOBRE A AUTORA

Simone Campos é escritora e tradutora. Estreou na literatura aos dezessete anos, em 2000, com o romance *No shopping* (7Letras). Desde então, participou de diversas antologias e coletâneas — entre elas, *Geração 90: os transgressores* (org. Nelson de Oliveira, Boitempo Editorial) e *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura* (org. Luiz Ruffato, Record). cursou jornalismo e está terminando o curso de produção editorial, ambos na UFRJ. Em 2007, publicou seu segundo romance em papel, *A feia noite* (7Letras), e a ficção científica *on-line* *Penados y rebeldes* (<http://penadosyrebeldes.blogspot.com>). Sua contribuição mais recente foi para a revista *Mininas* no. 12.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

47 EXIT PLANET DUST

CHEMICAL BROTHERS

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. LEAVE HOME
2. IN DUST WE TRUST
3. SONG TO THE SIREN
4. THREE LITTLE BIRDIES DOWN BEATS
5. FUCK UP BEATS
6. CHEMICAL BEATS
7. CHICO'S GROOVE
8. ONE TOO MANY MORNINGS
9. LIFE IS SWEET
10. PLAYGROUND FOR A WEDGELESS FIRM
11. ALIVE ALONE

